

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB – H - 0067/2012

MOBILIDADE HUMANA EM MANAUS: NOVAS CONFIGURAÇÕES SÓCIO-
ESPACIAS: O CASO DAS MULHERES HAITIANAS

Bolsista: Aline Ribeiro de Oliveira, Fapeam

Orientador: ProfºDrº José Exequiel Basini Rodriguez

MOBILIDADE HUMANA EM MANAUS: NOVAS CONFIGURAÇÕES SÓCIO-
ESPACIAS: O CASO DAS MULHERES HAITIANAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB – H - 0067/2012

MOBILIDADE HUMANA EM MANAUS: NOVAS CONFIGURAÇÕES SÓCIO-
ESPACIAS: O CASO DAS MULHERES HAITIANAS

Bolsista: Aline Ribeiro de Oliveira, Fapeam

Orientador: Prof^oDr^o José Exequiel Basini Rodriguez

MANAUS

2013

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas,
ao LEPAPIS e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins
acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela FAPEAM- através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida no Laboratório Pan-amazônico - LEPAPIS como subprojeto do projeto 018/2010 CAPES/UDELAR “Cidades em perspectiva. Um estudo sócio-espacial sobre as cidades de Manaus e Montevideú”.

Marchons unis, marchons unis

Notre passé nous crie

Hino do Haiti.

1-INTRODUÇÃO

O atual trabalho de pesquisa tem como tema “Mobilidade humana em Manaus Novas configurações sócio-espaciais”, analisa inicialmente o processo de mobilidade da população haitiana, sobre o viés metodológico da sócio- espacialidade, não somente para a capital Amazonense. A migração haitiana explora um longo périplo ou itinerário da viagem, com diferentes enclaves no Brasil, e portanto, um estudo específico sobre a mobilidade das mulheres haitianas em Manaus não pode se abstrair em considerar dados gerais sobre este particular fenômeno.

Este novo fenômeno social em Manaus não tem antecedentes. Os estudos a esse respeito são incipientes e estão em processo de elaboração e compreensão. A abordagem proposta traz a novidade teórica de situar a temática dentro dos estudos sócio-espaciais que caracterizam-se pelo viés transdisciplinar e interdisciplinar do conhecimento integrando diferentes áreas como a antropologia, geografia, história, urbanismo. O projeto de pesquisa pode trazer elementos de reflexão analítica e modelos

de compreensão da relação entre grupos nacionais e estrangeiros, mais concretamente entre manauaras e haitianos, e aportar novos sentidos para a sociedade civil e as instituições interessadas no assunto social em questão

Com o intuito de investigar a sócio-espacialidade o primeiro momento da pesquisa se constituiu em fazer um levantamento de fontes, sobre esse fato novo na sociedade amazonense. Usamos como fontes iniciais a mídia (seja por meio de jornais impressos ou televisivos, blogs variados, seja por vídeos reproduzidos na internet) Notamos que o conceito de mobilidade humana é diversificado no campo das ciências humanas, originalmente quer dizer “a capacidade dos corpos se deslocarem” existem noções de mobilidade que compreendem a mobilidade de empresas, de fatores que englobam condições sociais, entre outros.

As variadas formas de movimentação humana sempre foram alvo de pesquisa nos campos das ciências humanas, considerando a migração como uma das faces da mobilidade humana. Os fluxos migratórios de massa têm muitas origens, é de costume entender que a direção do capital atua como impulsor destes fluxos, entram também em destaque a opressão, a pobreza, degradação ambiental, a ausência de redes de segurança.

Logo, o que é de interesse da sócio-espacialidade é conceber a cidade como uma laboratório aberto, por um viés interdisciplinar, não se reveste de interesse localizar “não-lugares” ou espaços utópicos. De modo geral o objetivo deste trabalho se constitui em realizar um estudo documental e bibliográfico sobre a mobilidade humana em Manaus, visando novas configurações sócio espaciais, com enfoque nas mulheres haitianas residentes nessa cidade, no tempo presente

Mobilidade humana em Manaus- novas configurações sócio-espaciais: o caso das mulheres haitianas.

Desde de 2010 o tema “Haiti” adentrou o cotidiano de muitos brasileiros, o terremoto que devastou um país que já convivia com uma catástrofe social: a miséria, fez com que muitos destes haitianos migrassem para vários países, e um dele foi o Brasil. Pretendo com este trabalho apresentar novos aspectos da chamada “onda migratória haitiana”, inicialmente entender o processo de mobilidade da população haitiana, sobre o viés metodológico da sócio- espacialidade. A migração haitiana no tempo presente para a capital amazonense, explora um longo périplo ou itinerário da viagem, com diferentes enclaves no Brasil e portanto tento fazer um estudo específico sobre a mobilidade das mulheres haitianas em Manaus, sem me abstrair de dados gerais para estudar este fenômeno particular, faço uma pequena análise da mídia amazonense sobre a presença haitiana no Brasil, para tentar abarcar a influência desta sobre este relevante fato social. Entender como esses homens e principalmente as mulheres pretendem criar interação com o espaço, a fim de modificá-lo e se modificar, possivelmente é parte considerável do intuito deste projeto de iniciação científica.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 5 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 9 |
| 3. DESENVOLVIMENTO..... | 13 |
| 3.1 Do Ayti ao Haiti | |
| 3.1.2 Depois da independência a instabilidade | |
| 3.2- A Emigração pelo mundo | |
| 3.2.1 Estados Unidos | |
| 3.2.2 Canadá | |
| 3.2.3 França | |
| 3.2.4 Cuba | |
| 4.CONCLUSÃO..... | |

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão do espaço pelo tempo como denomina Lefebvre fala do direito à cidade, o qual se manifesta como forma superior dos direitos: direito a liberdade, a individualização na socialização, ao habitat e o habitar, o direito à obra e o direito a apropriação estão implicado no direito a cidade. Lefebvre pondera que há uma separação das cidades, conforme sua funcionalidade econômica o que lhes determina lugar na rede, e a centralização do poder se dá onde houver o acúmulo do capital, mas diz que a vida em comunidade não há presença de classes. Fala da segregação em três aspectos principais, que ora são simultâneos, ora sucessivos (espontâneos, voluntários, programados). Diz ainda que as representações do espaço vivido, percebido, imaginado e concebido são expressões de diferentes modos de pensar e portanto, viver, perceber, imaginar e conceber os diversos territórios que fazem parte de nossa vida cotidiana. Essas, podem ser explicitadas a partir de diferentes linguagens como a artística (nas suas diferentes modalidades), a escrita, oral, gráfica, cartográfica entre outras.

Castells (1983) considera que a distribuição das residências no espaço produz sua diferenciação espacial, para o autor, a distribuição dos locais de residência se relaciona com renda, status. A estratificação social, por sua vez, se mostra através da segregação urbana. De forma geral, as diferenças sociais manifestadas na apropriação e produção social do espaço, são processos frequentemente observados nas cidades sendo esse um processo social inerente ao sistema capitalista de produção.

Pretendo apresentar a mobilidade humana dos haitianos, com enfoque nas mulheres haitianas, não somente enquanto migração, mas principalmente no que diz respeito as formas de habitar o espaço, no território da cidade de Manaus. Muitos fatores podem ser identificados nesse percurso migratório, desde a entrada ou permanência na cidade, até a fixação mais longa, ou até mesmo definitiva de um significativo número de migrantes haitianos para a cidade de Manaus.

Essas movimentações de mobilidade humana, ainda são pouco abordados, pelo viés da sócio-espacialidade, a migração é pouco debatida tanto pela academia quanto

pelas instituições que lidam com a temática, visto que há elementos novos que configuram características peculiares à mobilidade humana na cidade de Manaus, no tempo presente. Logo, merecem uma abordagem mais profunda do ponto de vista dos estudos sócio-espaciais. Atualmente, há fluxos consideráveis de migração internacional, no território brasileiro. O que desafia a capacidade do Estado brasileiro de programar políticas que lidem com esses fenômenos.

As memórias, as práticas e os conhecimentos são importantes para a organização de um pensamento sócio-espacial, denominado por Edward Soja, visto que a cidade contemporânea é repleta de mutações, assim as espacialidades lidam com expansividade, os componentes mais abstratos são relevantes, pois demonstram a ordem simbólica das espacialidades. As representações do espaço vivido, percebido, imaginado e concebido são expressões de diferentes modos de pensar e, portanto, viver, perceber, imaginar e conceber os diversos territórios que fazem parte de nossa vida cotidiana. (BASINI & GUIGOU, 2010). Essas podem ser explicitadas a partir de diferentes linguagens como a artística (nas suas diferentes modalidades), a escrita, oral, gráfica, cartográfica entre outras.

Deleuze e Guattari, 1995 propõem uma distinção entre dois tipos de espaço: o liso e o estriado, que não são da mesma natureza. Eles formam uma oposição complexa, na qual os termos das oposições não coincidem inteiramente. Sua separação é uma construção abstrata: eles só existem de fato nas misturas entre si, e nas maneiras como passam de um ao outro.

“La importancia del enfoque sobre la producción social do espacio es que busca unificar los diversos campos del análisis urbano partiendo de la observación que los problemas contemporáneos de la sociedad parecen estar crecientemente articulados como aspectos de naturaleza espacial” (Gottdiener 1985)

É necessário entender a interdependência dos fatores sociais e espaciais, é a tensão entre o social e o espacial que definem o lócus da sócio-espacialidade, não reveste interesse em delimitar esta temática em um campo acadêmico restrito, como já foi dito, lida com a interdisciplinaridade. O interesse não é por o espaço para o enfoque

social, ou vice-versa e sim entender o conflito entre ambos, visto que o espaço é tanto um agente social como um produto das ações sociais, assim pode interferir nas relações sociais.

Complexa é essa atividade, pois precisa-se atinar também para as relações entre o espaço e o tempo. PIAZZIN(2007) reafirma que as espacialidades podem criar dinâmicas espaciais, localizando relações de espaço conflituosas de espaço (materialidade) e sociedade (tempo). No âmbito dos estudos sócio-espaciais, se faz presente na compreensão das histórias passadas e nas contemporâneas, na história lida com temas relacionado ao imaginário, as representações, as apropriações culturais, migração, trabalho, movimentos sociais, práticas sociais entre outros. Deste modo os estudos sócio-espaciais, iniciam uma integração com os ordenamentos territoriais, urbanos e regionais.

O grande desafio que é suscitado nesse campo é a criação de abordagens de pesquisa, valendo-se da dinâmica de instrumentos analíticos para compreender as movimentações que surgem dentro dos laboratórios abertos, que são as cidades

(...) Os contextos de enunciação são permanentes, enquanto que as manifestações urbanísticas resultam de formas de habitar o espaço e formas de pensamento que supõem escolhas e também conflitos cartográficos ou “guerras de mapas” a respeito das formas de habitar e circular que os grupos de interesse – povos tradicionais, minorias étnicas e raciais, políticos, planejadores urbanos, empresários, entre outros – atribuem-se em instâncias socioculturais e socioeconômicas decisivas. (BASINI & GUIGOU, 2010)

Ainda assim os estudos relacionados ao simbólico, são de alta relevância, as temporalidades as espacialidades que se montam no momento (que são em algum momento inibidas) fazem parte do modo de habitar a cidade.

A sócio-espacialidade ancora-se na comunicabilidade reflexiva, ou seja, para compreender os fenômenos sócio-espaciais, é necessário ter em vista os fenômenos sociais de localidade ou de organização. Edward Soja, fala sobre um “pensamento

espacial”, os agentes atuantes no produzir e no conceber os espaços são variados e os conflitos e interesses no mesmo também o são, A cidade contemporânea vive em mutação constante, torna-se inconcebível presumir de um modo estático, para entender os processos sócio – espaciais é necessário abrir a visão para a cidade como um laboratório aberto, perceber que se como se diz de costume quem inventou o espaço foi a narração,todos esses agentes sociais e históricos tem vozes a serem escutadas

3- DESENVOLVIMENTO

3.1 Do Ayti ao Haiti

A república do Haiti é um pequeno país montanhoso de 27.750 km²(aproximadamente o tamanho do estado do Sergipe), localiza-se na América Central, sua capital é Porto Príncipe, tem como moeda local o Gourd, a ilha foi denominada *La espanhola* por Cristóvão Colombo em 1492 era a morada dos arawak e taino , Haiti vem da palavra indígena Ayiti e significa em uma tradução aproximada do português “terra montanhosa”.Foi colonizada inicialmente por espanhóis que escravizaram os nativos. A resistência à dominação e à cristianização colonial, com todo o repertório de atrocidades, teve como resposta o suicídio coletivo de autóctones (OYAMA, 2009) e o massacre de rebeldes.

Em primeiro 1º de janeiro de 1804, era a primeira vez que no mundo uma república negra proclamava sua independência. Haiti, ex-colônia espanhola e depois francesa, nasceu na luz da liberdade em 1804 depois de uma batalha épica entre os coloniais contra os exércitos de escravos. A descolonização foi um longo processo que levou o Haiti ao concerto das nações “livres”, que lhe permitiu mais tarde a ter lugar ao lado das nações soberanas do mundo. (MHAVE – Etat Haïtien, 2012).

Ainda no século XVI a ilha chegou a ser principal colônia mundial em produção de açúcar, mercadoria mais cobiçada da época, a renda alimentava a burguesia mercantil francesa. Em 1697 o tráfico de seres humanos negros começou a se tornar um negócio extremamente rentável, devido a condição de escravizados, extremamente humilhados e explorados os cidadãos que estavam sendo submetidos a essa situação de escravidão, se uniram em 1791 iniciaram uma das maiores revoltas já vista, e de 1792 a 1794 a revolução atingiu seu auge, na França com a tomada do poder pelos jacobinos, que dentre diversas coisas decretaram o fim da escravidão, fato este que aparentemente estimulou ainda mais os haitianos a lutarem contra a imposição colonial francesa, apoiados pelos espanhóis. Em 1794, conquistaram a abolição da escravatura e Louverture assume a bandeira Francesa.

O Estado Haitiano conta uma história pontuada por sucessivos conflitos políticos e sociais, uma sociedade que é marcada pela revolução, o Créole é uma língua peculiar e imbricado de diferentes dialetos africanos, trazidos das variadas etnias, como além do francês que segundo relatos é falado por quem frequentou a escola, ou ao menos foi alfabetizado(a), desde de 1961 o país é oficialmente bilíngue, segundo a última estimativa do Banco Mundial (World Bank, 2010).

Com a morte do primeiro imperador, ao mesmo tempo em que os espanhóis reconquistam a parte leste da ilha, surgiu uma disputa que levaria à divisão do território, originando uma República e um Reino. Na região sul do Haiti, que compreende Porto Prince e Les Cayes, Petión estabeleceu uma república, apoiada por Bolívar. Na região norte, Cristophe criou um reino, tornando-se seu primeiro rei. O sucessor eleito de Petión em 1818, Boyer unificou novamente a ilha, encerrando a experiência monárquica. A revolução que inspiraria e marcaria a história do Haiti também teria, como consequência, a fragmentação da ilha em duas unidades políticas distintas. A parte leste, habitada por uma população hispânica, foi reincorporada. Em 1843, nova separação deu origem à República Dominicana (com Santo Domingo tornando-se sua capital) como país independente e que conviveria ao longo da história com uma série de conflitos decorrentes, principalmente das instabilidades do vizinho. (Valler Filho, 2007; MHAVE, 2012; Americas-fr, 2012; Haiti Référence, 2012)

3.1.2. Depois da independência a instabilidade.

Após esse histórico de lutas o Haiti não obteve estabilidade política e até o período de 1915 se deparou com vinte e duas mudanças políticas, esses fatos ocorridos

que declarados como crises deram as justificativas esperadas para a intervenção do governo do EUA, que tem uma considerável proximidade geográfica, ao que me parece é apenas, a *big stick Police* que legalmente teria o dever de auxiliar e garantir a paz social e o desenvolvimento daquele país fracassou notadamente, naquele período é notado que o Haiti experienciou algum tipo de progresso, mas nada ganhou supostamente pelos dezenove anos de ocupação norte americana naquele período, medidas como o desarmamento da população camponesa, a dissolução do exército foram fatos que levaram a culminar no período de 1916 a 1920 a ¹revolta dos Cacos, o voodoo nesse processo de oposição apareceu na manifestação como força de resistência. O fim da ocupação que aconteceria em 1934, a ingerência externa na vida política e econômica do país não se encerraria com a saída das tropas norte americanas. O recurso constante à violência como justificativa para a manutenção da ordem no Haiti permearia os governos a partir dessa data, sempre com o envolvimento decisivo das forças armadas, apoiadas pelos Estados Unidos.

François Duvalier, médico, da classe média, em 1957 elegeu-se presidente com apoio do Estados Unidos que temia o avanço ou dissipação total do poder exercido por eles pelo comunismo, Duvalier contou com o suporte do exército e das elites locais, era conhecido como Papa Doc Doc declarou-se, em 1964, sete anos após sua posse, presidente vitalício e governaria autocraticamente o país até sua morte, em 1971, quando foi substituído por seu filho, Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, também nomeado presidente vitalício. Em 1984, foram convocadas eleições, mas, com o império do terror, a taxa de abstenção chegaria a 61% dos eleitores. Em junho, o General Henry Namphy (que assumira interinamente o governo com a saída de Baby Doc) lideraria um golpe de estado que depôs Manigat e assumiu a presidência.

Com o fim da ditadura, o país parecia ingressar numa nova fase de sua história, marcada pela realização de eleições democráticas em 1990. O sufrágio, realizado em dezembro com monitoramento internacional, conferiu, com expressivos 67% dos votos, vitória a Jean- Bertrand Aristide, sacerdote de esquerda (ex-padre católico, tinha sido expulso dos Salesianos em 1988), que se proclamava adepto da teologia de libertação e não desfrutava da simpatia dos Estados Unidos. Aristide tomou posse em fevereiro de 1991 e, poucos meses depois, em setembro do mesmo ano, seria deposto por um golpe de

¹ Eram considerados como camponeses politizados, e agiram sob o comando de Charlemagne Peralte

estado promovido por militares, a deposição de Aristide motivaria um verdadeiro êxodo em direção ao Canadá e à costa da Flórida para onde expressivos contingentes de haitianos se dirigiram em precárias balsas. Segundo dados da Guarda Costeira norte-americana, no espaço de um ano, cerca de 42 mil haitianos entraram, desse modo, em solo americano

Capítulo II

3.2- A Emigração pelo mundo

Com a chegada do século XXI as rotas de migração se expandiram e eles se fazem presentes em toda América, Europa, Ásia, África e Oriente Médio [pesquisas](#) apontam que nove em cada dez haitianos que vivem no exterior são registradas nas Américas, enquanto cinco em cada dez estão na Europa, de modo geral esses dados sugerem uma tripla revolução em andamento, desde uma nova geografia, uma nova economia, uma nova sociologia de classes médias fora do país. Os países que mais recebem os haitianos, são os Estados Unidos, Canadá, República Dominicana, Cuba e depois a Europa. No relatório regional da Comissão Internacional da Migração (ICMC, 2006), consta que entre 2005 e 2006, 10,5 mil haitianos “fugiram” do país em busca de melhores condições: 4 mil deles refugiaram-se na Europa e muitos outros na América do Norte.

3.2.1 Estados Unidos.

Os Estados Unidos é disparado o principal destino dos imigrantes haitianos desde o movimento de fuga forçado pelo regime ditatorial de François Duvalier, ao final dos anos 1950. A opressão política combinada com dificuldades econômicas continuou a fornecer contingentes de imigrantes haitianos no país todo ao longo dos anos 1970, 1980, 1990 e 2000. Na tentativa de conter a migração haitiana o governo dos EUA procurou criar indústrias de subcontratações, para forçar o regressos dos haitianos para o país de origem, fato que não ocorreu pois os trabalhadores tornaram-se mais capazes de viabilizar viagens para fora do Haiti. Ao fim da década de 70, os fluxos migratórios eram tais que as autoridades norteamericanas praticamente forçou, em 1981, o então presidente Jean-Claude Duvalier a assinar um acordo que pretendia impedir o desembarque dos “*boat people*” nas praias de Miami. Atualmente, a comunidade haitiana está estimada em mais ou menos 1 milhão de pessoas, vivendo principalmente

em Nova York, Florida, Massachusetts e New Jersey. Individualmente, os haitianos fazem incursões na área profissional, com muitos trabalhando em posições de alto grau em círculos acadêmicos, tanto como na faculdade ou em associações de estudantes. Os haitianos também ocupam cargos na polícia local, na saúde pública e privada, e nas profissões de negócios e transações bancárias legais.

3.2.2 Canadá

A comunidade haitiana está classificada com nota máxima em ordem de importância entre os grupos não europeus da população no país. Em termos de mercado, as estatísticas de emprego geralmente são pouco convidativas para os adultos de origem haitiana. Dados de 2001 mostraram que 57% dos haitianos maiores de 15 anos tinham emprego, em comparação com 62% de todos os adultos canadenses.

Assim, os rendimentos dessa comunidade são geralmente mais baixos do que o resto da população. Desta forma, esses configuram majoritariamente na população canadense classificada como vivendo em situações de baixa renda. Em 2000, 39% dos membros da comunidade haitiana estava em baixa renda, contra os 16% do total da população canadense nela (Statistics Canada, 2007).

3.2.3 França

Historicamente, a França não foi a terra da emigração natural de haitianos. Em 1974, Roger Bastide, professor da Sorbonne, estimava que os imigrantes haitianos na França não ultrapassavam a marca de 600 pessoas. Olhando para a estrutura do emprego, dos cidadãos haitianos na França, vemos que 70% dos homens são trabalhadores e 70% das mulheres são empregadas domésticas ou em cargos de assessoria. O último censo indicou uma força de trabalho de 13.323 pessoas para uma taxa de desemprego de 12,17%. Em termos da nova nacionalidade e residência, de acordo com o demógrafo haitiano Bogentson Andre, o sentimento desses irmãos é um pouco sobre como proteger novos direitos.

3.2.4 Cuba

Dada revolução haitiana nos anos de 1791-1804 levou uma onda de colonizadores franceses a fugirem com os seus escravos haitianos para Cuba. Eles foram principalmente pelo leste, especialmente Guantánamo, onde mais tarde introduziram o cultivo de cana, construíram refinarias de açúcar e desenvolveram plantações de café.

Em 1804, cerca de 30 mil franceses viviam em Baracoa e Maisi, os municípios do extremo leste da província. Assim, posteriormente, continuaram a entrar haitianos em Cuba para trabalhar como branceiros nos campos de corte de cana. Suas condições de vida e trabalho, não foram muito melhores do que escravidão. Apesar de terem planejado retornar para o Haiti, a maioria ficou em Cuba. Durante muito tempo, muitos haitianos e seus descendentes em Cuba não se identificavam como tal ou falavam *créole*. Na parte oriental da ilha muitos sofriam discriminação, mas com o regime de Fidel Castro, desde 1959 quando tomou posse, esta discriminação enfraqueceu. Com isso, depois do espanhol, o *créole* é a segunda língua mais falada em Cuba; graças a aproximadamente 300 mil haitianos que se mudaram para ali nas últimas décadas. É principalmente nas comunidades onde os haitianos e seus descendentes vivem que o *créole* é mais falado.

3.3 Brasil

O governo brasileiro com intuito de controlar o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil começou a conceder “vistos humanitários”, (por não considerar os haitianos como refugiados) se comprometeu publicamente de ajudar a regularizar a situação dos haitianos que já se encontram em território brasileiro. As estimativas apontam que grande parte dos haitianos que desejam vir para o Brasil passam por República Dominicana, Panamá, Equador e Peru, aqui entram pelo Acre e Amazonas para fazerem tal percurso gasta-se todo o dinheiro que foi reunido no Haiti. A tragédia do terremoto que atingiu 7,3 na escala de Richter, em 12 de janeiro de 2010, marca de fato o Haiti, em cerca de trinta segundos destruiu um país inteiro, após o desastre natural, houve um epidemia de cólera, que matou várias pessoas e contaminou tantas outras, nesse cenário devastador não se pode deixar que o Haiti foi assolado também por violência e a privação de serviços básicos ao ser humano.

Com a justificativa de controlar o abundante fluxo migratório dos haitianos e “proteger os haitianos” dos coiores é implementada a resolução nº 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração, que visa contemplar cerca 1,2 mil vistos humanitários por ano, a justificativa é bem questionável, pois há um aumento considerável de haitianos que chegam ao Brasil de modo ilegal, tendo coiores que cobram caro pelo transporte, (de 3 a 4 mil US\$) compete aqui também informar que muitos passam por diversas situações de violência no percurso, e nas mulheres há relatos de abuso sexual.

No seminário, *Haitianos na Amazônia desafios e perspectivas*, Paulo Sérgio (CNIG) afirmou “o número de vistos está Ok” quando indagado disse existir a possibilidade do aumento dos vistos conforme a demanda, apesar de não haver nenhuma movimentação política que indique isso. Aqui no Brasil, há uma seletividade migratória, existem regras bem rígidas para a concessão desse visto, haitianos com “passagem” pela polícia não o recebem. Idalbert Pierre-Jean, embaixador do Haiti, segundo entrevista ao jornal A crítica, disse não ter críticas ao governo brasileiro, nem a sociedade civil, alegou também que a ideia do visto humanitário foi dele. Segundo, Marie Katly Ubere Fracesh, no seu país de origem, a informação que circulava era a de que havia promessas de emprego e residência, com salário fixo de mil e quatrocentos reais, ela relata ainda que a maioria das mulheres não terminou o ensino médio, algumas encontram dificuldade por terem que passar por quatro exames seletivos (por ano).

Por qual motivo, haitianos escolhem o Brasil? Os fatores econômico devem ser o que delimita a escolha? (a pobreza como fator determinante para a mobilidade). Creio que não conseguiremos encontrar uma única resposta para esse questionamento, falar do desastre ocorrido no país como único indicativo para a migração, cala muitas vozes e reduz ou anula o poder simbólico das escolhas de cada um desses atores sociais e históricos. Antes de tudo, deve-se lembrar e levar em consideração que há um enorme abismo social entre o que se determina como Estado, e o povo, antes do terremoto o Haiti já vivia uma crise que deixava os haitianos em alta vulnerabilidade social.

Nove em cada dez haitianos que vivem fora do país, são registrados nas Américas. Estima-se que cerca de um milhão de haitianos estão vivendo Nova York, Florida ou Massachusetts sendo esta terceira maior comunidade haitiana dos Estados Unidos. No Canadá, a comunidade haitiana em grande maioria (83%) vive em Montreale boa parte (10-15 mil pessoas) em Toronto.

Aqui no Brasil, os haitianos seguem uma rota longa, passam pela República Dominicana, Panamá, Equador (ou Peru), Bolívia, Acre e entram no Amazonas por Tabatinga, cidade brasileira fronteiriça, lá receberam assistência humanitária de emergência, graças à solidariedade de alguns. Tabatinga é uma estadia, uma pausa até chegarem na capital.

Com os pés cansados dessa caminhada chegam em Manaus .É a partir desse ponto que desenvolvo minha pesquisa de campo, é daqui em diante que conduzo meu olhar. O que é Manaus, na vista de quem passou por enormes e bruscas privações, nos gestos de provavelmente perdeu alguém que ama, e viu o local que nasceu ser destruído,

e arrisco em dizer que se destruiu um pouco também com tantas perdas? Manaus, possivelmente ganhará uma nova referência étnica.

*Kisa ki dwe ap tann nou demen? Kisa ki dwe pral
passe nan jou kap vini yo? Kisa peyi nou na pral
tounen la?*

Muitas das mulheres haitianas residentes em Manaus no tempo presente, falam como único idioma o creole. O que inicialmente tem gerado dificuldade para a comunicação. Em visita no abrigo conhecido popularmente como *Casa das mulheres*, que é sediado na Igreja Católica pude conversar com uma mulher, que não quis se identificar em espanhol, afirmou ser a única mulher (do abrigo) que conseguia falar em outro idioma.

Já em visita no programa assistencial *Pró- Haiti*, não consegui manter contato com nenhum haitiano, por incompatibilidade horários, mas aqui subscrevo uma entrevista feita com uma das professoras, que trabalhou no projeto de alfabetização.

“Eu tive muita dificuldade de trabalhar com as mulheres, olha eu tenho formação militar, então eu gosto de organizar as coisas do meu jeito mesmo, eu sendo a professora eu dito as ordens na sala (...) numa aula ai, eu disse pra uma delas (mulheres haitianas que fazem parte do projeto) se organizarem de tal jeito, e elas não fizeram. Foram logo dizendo no idioma delas que daquele jeito que estavam era o melhor. A moça que me ajudava traduzia tudo.(...) teve um dia que foi ruim mesmo, uma delas começou a discutir com a outra, eu fui apartar a briga daí ela brigou comigo, a moça que traduz disse que ela falou que não precisa de ninguém pra resolver os problemas dela, e que não era por eu ser uma

professora que eu poderia me meter na vida dela. Ai eu parei de dar aula pra elas, fiquei com a outra turma, que é de homens, eles são mais disciplinados”

E segue:

“Teve uma coisa muito curiosa que aconteceu numa aula aí, A gente tava fazendo as coisas como pode né? O importante mesmo é ajudar, então a gente não tinha como oferecer merenda e nem tava dando intervalo nas aulas, teve um dia que umas mulheres se juntaram com os homens e disseram que não iam mais pra aula enquanto não houvesse intervalo e merenda”

Fui informada que após o ocorrido o projeto passou a oferecer sopa, por volta das dez horas da manhã, junto com intervalo de vinte minutos. Em estudos, e artigos vinculados a migração, diz-se que o trabalho destinado ao migrante pode ser simbolizado por três K; kitanei(sujo), Kiken(perigoso) Kisui(pesado), se explora a força de trabalho do migrante, sem lhes assegurar direitos básicos que são em comum aos trabalhadores em geral, o que muitos alegam é que os migrantes anulam a capacidade de reivindicação sobre seus direitos. O que não me parece ser um comportamento característicos dos haitianos residentes em Manaus, se o é não em unanimidade.

3.4 Mídia amazonense: seu papel racista e elitista na capital.

Uso como fontes iniciais a mídia representada por meio de jornais impressos, televisivos, blogs variados, vídeos reproduzidos em canais da internet. A mídia originalmente tem a funcionalidade de divulgar os fatos que nos cercam, ainda que não participemos deles diretamente. Muitas pessoas não tem contato com facções consideradas de alto nível de periculosidade, ou com os estupros coletivos que ocorrem na Índia (o que de modo algum anula a possibilidade de se sofrer os danos desses acontecimentos), mas a grande maioria possui uma opinião formada a respeito dos

temas, juízos constituídos se valendo como fonte ou filtro, as notícias divulgadas na mídia.

Notadamente, a maneira como um fato é exposto conduzirá sua forma de julgamento, várias vezes somos conduzidos por pensamentos e experiências que não são nossas, por mais incrível que pareça a mídia tem o atributo de exibir uma realidade que restringe ações individuais, por exemplo, a maneira como a mídia lida com a violência, reproduzindo uma falsa realidade que se transforma em parâmetros para escolhas das mais aleatórias, de até que horas é mais seguro transitar em rua X, até como se vestir.

“(...)Se nós não conseguimos diminuir os nossos problemas, que ‘dirá’ de quem chega e toma de assalto esta Manaus de Mil Contrastes!(...) gente, os haitianos além de se espalharem pelos quatro cantos da cidade ainda são abusados. Impediram uma fotografia do DIÁRIO DO AMAZONAS de fotografá-los(...)Quando vejo os nossos problemas sociais: crianças amazonenses nos sinais esmolando, monte de pedintes pelos cantos das ruas, mar de camelôs que se forma no centro de Manaus, delegacias lotadas, hospitais sem dar conta de tanto doente, sorry, sorry e sorry, o Haiti definitivamente não é aqui. A pergunta que não quer calar: ‘por que os haitianos não ficam em Tabatinga ou vão povoar outros municípios amazonenses?’”(MOURÃO, MAZÉ 2012)

Muitos não gostam de presenciar a “invasão” de seu país por “refugiados” muito menos notar que um espaço que era seu ou de um conterrâneo agora esta ocupado por “exilados” ainda mais em situação de vulnerabilidade social. Esta é a visão que vem sido difundida por grande parte da mídia amazonense, e ao que me parece não é uma imposição esdrúxula e sim uma representação compartilhada por uma parcela relevante da sociedade civil, uma cruel reciprocidade. O governo brasileiro dado o tamanho evento adotou medidas, com o intuito de controlar o fluxo migratório para o Brasil.

A opinião pública sobre um fato social, e até mesmo histórico, é fortemente influenciada pela mídia, as grandes mídias promovem espaços para expor ideias e suposições, nos anos 80 o conceito de opinião pública era difuso, não havendo um consenso nas ciências sociais. Atualmente percebe-se que ela é formada por um emaranhado complexo de ideias, de uma inter-relação entre os meios de comunicação. Com tantas modalidades digitais de comunicação logo a mídia exerce influência na

formação de opinião pública, todavia com certas restrições de cunho cultural, religioso, enfim, dos filtros de canalização social.

Em entrevista realizada em 16 de junho de 2012 a 28 de agosto de 2013 a fiz a seguinte pergunta para cerca de 23 pessoas, com a idade variando entre 16 e 68 anos: - Qual sua opinião sobre a presença haitiana em Manaus? E em algumas li o trecho já citado da entrevista. As respostas foram variadas, mas destaco a seguinte:

Sabe como é o povo amazonense, acho que em qualquer lugar é assim né? Não importa quem é o estrangeiro, importa se ele é mais que a gente. Tipo, se tu ver um gringo branco, cheio de grana, tu vai querer colar nele né? Mas se tu se toca que o gringo tá pior que tu, é melhor mandar vazar². Me entende, né? Aquele negócio da Mazé foi até uma coisa engraçada, sei lá, concordo, mas ela deve ter falado pra dar graça ou vender. Luiz Carlos, 32.

² Semelhante ao verbo sair.

“A carne mais barata do mercado é a carne negra: que vai de graça pro subemprego. Mulher haitiana e o peso do trabalho leve”.

A migração internacional de haitianos para o Brasil, especificamente para Manaus criou microrregiões dentro da capital, o Bairro de São Geraldo, ganhou novos nomes por seus moradores, “rua dos haitianos”, esse fenômeno migratório torna-se mais notável a partir de 2010, que consideram o Brasil um país desenvolvido e cheio de oportunidades, acrescido ainda do evento da copa do mundo, o que no imaginário facilitaria a inserção de homens no mercado de trabalho, no início desse boom, homens eram a maioria, quadro que foi equilibrado com o decorrer do tempo, as mulheres haitianas alegam que eram vistas como ponto mais fraco, que não conseguiriam emprego com facilidade e ainda poderiam engravidar, gerando mais dificuldades para ajudar os que lá ficaram, fato este que também colaborou para o número inicialmente reduzido de mulheres.

Sayad (1998) fala que a emigração perpassa a ideia de transitoriedade e consequentemente do retorno ao país de origem. Da mesma forma, os que ficaram na terra natal pensam na ausência como temporária. Para o autor, o emigrante vive em uma dupla contradição – o estado provisório da migração e o prolongamento desse estado por tempo indeterminado. Elas migram muitas vezes sozinhas, e aqui é que reconfiguram suas relações sociais e familiares, apesar da grande dificuldades de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho, são presenças muito singulares. As mulheres constroem seus projetos migratórios há muito custo, “duas vezes mais forte, duas vezes melhor” é assim que Claire descreve como deve agir aqui para poder sobreviver, muitas mulheres como Claire emigram sozinhas, deixam para traz uma história e reconstroem outras.

Vou dizer a realidade eu vim porque realmente quis, não queria mais subviver- existe essa palavra?- precisa dar uma vida melhor, pra mim. As pessoas sempre me acolheram mas eu não aguentava mais, não aguentava mais nada,o Haiti é um buraco vazio no meio peito.Aqui eu preciso ser mais forte, eles conseguem emprego com dificuldade, a gente não, só trabalho leve, aqui gente tem que ser duas vezes mais forte, duas vezes (...) Antes de tudo, nos éramos professoras, donas de casa, estudante agora somos alguém que trabalha em qualquer coisa. Somos imigrantes ilegais e invisíveis, a gente pensa que vai voltar, eles pensam que a gente vai voltar. Mas eu acho que não.

As mulheres haitianas das quais tive contato formam um grupo com a faixa etária de 20 á 26 anos, são jovens e solteiras, parcela pequena diz ter deixado um(a) parceir(a) no Haiti.

“É também no jogo de palavras, e em particular através dos duplos sentidos carregados de subentendidos, que os fantasmas sociais do filósofo encontra[ra]m ocasião de se manifestar sem ter de se declarar(..).” P. Bourdieu, 1995 (1990)

Aqui encontro a minha maior dificuldade em desenvolver o atual projeto de iniciação científica: a língua. A maioria das mulheres haitianas em que tive oportunidade de manter contato, as que migram, ou transitam por Manaus, não falam outro idioma a não ser o créole haitiano, diferentemente dos homens que falam além do créole o francês e espanhol. Para Pierre Bourdieu (1982) a língua é um mercado no interior do qual as trocas linguísticas são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre locutores ou seus grupos respectivos. Este mercado linguístico funciona como um mundo social dotado de suas próprias leis e regras que são apropriadas pelos indivíduos e se tornam *habitus*. Assegurando por essa razão a seus agentes os meios de atuar nesse mundo. Contudo, levando-se em conta as estruturas de produção e de reprodução do meio, percebe-se que os agentes não são dotados igualmente destas disposições que se evoluem em seu meio e se encontram em posições sociais diferenciadas, que são objeto das lutas de posição e de classe.

Esse conflito social se desenrola em dois produtos essenciais: o poder simbólico e a violência simbólica, por meio de discursos oficiais nota-se o esforço dos dominantes para perpetuar a imagem de dominação, das várias relações sociais, as relações linguísticas são relações simbólicas.

A questão da identidade é, essencialmente, linguística; não porque é pela língua que se transmitem os conteúdos culturais e de identificação, mas porque, à partida, é a possibilidade de integração numa comunidade de falantes que se compreendem que possibilita essa chave, essa não-solidão, esse não-abandono. A linguagem está no campo daquilo que não se aprende, daquilo que é inato aos elementos de uma comunidade: quando se aprende a falar a língua materna aprende-se, mais que isso, a pensar segundo uma lógica linguística. O créole haitiano (*Kreyòl Ayisyen*) faz parte do grupo de créoles de base francesa uma parte importante de seu léxico deriva ou vem diretamente do francês. Porém, sua sintaxe, seu sistema semântico e sua morfologia diferem consideravelmente do francês. São cerca de oito milhões e setecentas mil pessoas no Haiti.

Na diáspora, o créole haitiano também é falado por mais de um milhão de pessoas, vivendo na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), na América do Sul (principalmente na Venezuela e na Guiana francesa), no Caribe (República Dominicana, Martinica, Guadalupe e Bahamas), na Europa (França) e em alguns países da África. Juntamente com o francês, é hoje idioma oficial da República do Haiti (desde 1987), embora só uma minoria de haitianos fale o francês fluentemente. Desde 1980, o créole haitiano foi equipado com um ortografia oficial e escritores haitianos já produziram uma literatura interessante e consistente. Historicamente, não encontrei pesquisas ou relatos que possam precisar quando o idioma “surgiu”, de modo geral sabe-se que em 1697 a França ocupa oficialmente o Haiti (apesar de sua presença nessa país ser datada a partir de 1629).

Um dos primeiros relatos escritos data entre maio de 1782 e julho de 178, quando uma mulher ao seu amante, segundo tradução é uma espécie de carta que pede desculpas pelas acusações de traição, o então amante viveu somente um ano no Haiti em

1791 data da Abolição da Escravatura. Alguns textos que abordam a questão da língua haitiana apontam carência de textos e dicionários no idioma, como se fosse um campo carente de produções, no entanto o créole mesmo após muitos anos de sua “invenção” continua presente no povo haitiano, principalmente nas mulheres. Mostrando desse modo que não há carência e sim independência de sua escrita.

O então governo haitiano em 1979, aprovou por decreto datado de 18 de setembro de 1979 aprovou o uso do créole como língua nacional de ensino e publicou em 31 de janeiro de 1980 uma circular para as escolas, na qual reiterava o uso do créole como língua oficial e definiu as particularidades da língua.

Kisa ki dwe ap tann nou demen? Kisa ki dwe pral passe nan jou kap vini yo? Kisa peyi nou na pral tounen la?

Em visita no abrigo conhecido popularmente como *Casa das mulheres*, que é sediado na Igreja Católica pude conversar com uma mulher, que não quis se identificar em espanhol conversamos, afirmou ser a única mulher (do abrigo) que conseguia falar em outro idioma. A identidade cultural é constituída por diversos fatores atento aqui para a importância da língua, como fator que diferencia ou se faz de reconhecimento nas sociedades, como principal mecanismo de comunicação entre os povos. Surgem questionamentos diversos nesse campo do idioma, me indago se a língua nesse caso atua como uma dificuldade das mulheres em aprender um novo idioma, ou mesmo como uma preservação étnica.

Considerações Finais

O primeiro momento da pesquisa se constituiu em fazer um levantamento de fontes, sobre esse fato novo na sociedade amazonense. Usamos como fontes iniciais a mídia, seja por meio de jornais impressos ou televisivos, blogs variados, seja por vídeos reproduzidos na internet. Conforme estabelecido no cronograma de atividades revisei o caráter conceitual da sócio-espacialidade bem como consulta a documentos oficiais, e registros áudio visuais, neste momento de desenvolvimento do projeto sentimos a carência de documentos etnográficos, o foi motivo de inquietação e se tornou um desafio para a pesquisa.

Pretendeu-se inicialmente entender o processo de mobilidade da população haitiana, sobre o viés metodológico da sócio-espacialidade, não somente para a capital Amazonense, e sim de modo amplo para o território do estado do Amazonas. A migração haitiana no tempo presente para a capital amazonense, explora um longo périplo ou itinerário da viagem, com diferentes enclaves no Brasil, e portanto, um estudo específico sobre a mobilidade das mulheres haitiana em Manaus não pode se abstrair em considerar dados gerais sobre este particular fenômeno.

A tragédia do terremoto de 2010 devastou o Haiti, e a epidemização da cólera em 2011 o arrasou. Após os tremores em Port-au-Prince, talvez receosos pelas históricas características migratórias desse povo uma vez que o país tem frente forte presente noterritório, o Ministério das Relações Exteriores anunciou uma iminente “invasão” de mais de 20 mil haitianos por ano.

A dificuldade de entender como esses homens e mulheres pretendem criar interação com o espaço, a fim de modificá-lo e se modificar, visto que o aprofundamento dos dados secundários foram limitados. A meta de se enquadrar na sociedade brasileira é muito mais complicada para as mulheres haitianas, elas que falam “línguas das mulheres” encontram empregos com enormes dificuldades, restando-lhes subempregos com salários muito aquém do estabelecido pelas leis trabalhista vigentes, vale lembrar que a discussão abordada aqui trata de indivíduos deslocados de seu ambiente de origem. As mulheres haitianas configuram emaranhado de várias perguntas sem respostas, e questões que ainda não pude supor, a cada dia que passa estão atribuindo novas representações no imaginário coletivo amazonense. Este trabalho se propôs em analisar questões inerentes a sócio-espacialidade dessas mulheres no território amazonense.

Referências

AFROCUBA. Haiti in Cuba. Disponível em:

<<http://www.afrocubaweb.com/haiticuba.htm>>

BASINI, José. Cidades em perspectiva: um estudo sócio-espacial sobre as cidades de Manaus e Montevideú. In: Programa de Cooperação Internacional CAPES – Udelar. Projeto 018/2010. Manaus. Programa de Pós- graduação em Antropologia Social e Departamento de Antropologia. Universidade Federal do Amazonas, 2010.

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta a mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CASTELLS, M. (1972). A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 4ª Ed

.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Peter

Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: 34, 1997. v. 5.

GUIGOU, Nicolas & BASINI, José. Ciudades en perspectiva: un estudio socioespacial sobre las ciudades de Manaus y Montevideo. In: Revista Anuário de Antropología Social y Cultural de Uruguay. Montevideú, Ed. Nordan Comunidad & Sonia Romero Gorski. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República, 2011. Disponível em: www.unesco.org/whs/es/areas-de-trabajo/cienciassociales/publicaciones.html

GLOBO NEWS. Haitianos passam por processo de adaptação no Brasil. **Jornal das Dez– Globo News**, versão vídeo, 12 abr. 2012. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/globonews/deadaptacao-no-brasil/1900198/>>..

MARK, Gottdiener 1985 The social produiton of urban space

MICHAU, Henri- Antologia, Trad.:Margarida Vale de GatoRelógio D'água-1999

PINTO, Manuel – Pensar e Projectar o Serviço Público com a Participação do

Público, in Manuel Pinto, (Coord.), Televisão e Cidadania – Contributos para o Debate sobre o Serviço Público, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Núcleo de Estudos de Comunicação e Sociedade, Coleção Comunicação e Sociedade.
SIMMEL, G., A Metrópole e a Vida Mental, in Velho, Otávio Guilherme (org.)

SOJA, Edward W. The socio-spatial dialectic. Annals of the Association of the American Geographers, Washington.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. *Cidades, Presidente Prudente*, v. 4, n. 6, p. 101-114, jan./dez., 2007

UGRAS, Monique - *Opinião Pública – Teoria e pesquisa*, Editora Vozes, Petrópolis, 1980.

Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

